

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
2 de março de 2026

Henrique Alves Costa, Cinéfilo Inconformista /2024

Realização: Manuel Vitorino / Montagem e pós-produção de imagem: Alberto Seixas / Direção de Fotografia: Pedro Jobling / Assistente de Imagem: Renato Valdoleiros / Operação de câmara: Alberto Seixas / Direção de Som: Beatriz Maria Silva / Gravação de estúdio e pós-produção de áudio: Filipe Lopes / Banda sonora: José Valente / Anotação: Joana Teixeira / Arte gráfica e ilustrações: Acácio de Carvalho / Narração: Júlio Montenegro
Direção de Produção: Manuel Vitorino / Produção: ESMAD- P.PORTO / Cópia: DCP, 20 minutos

Com a presença de Manuel Vitorino

Henrique Alves Costa, Cinéfilo Inconformista é apresentado com **O Pintor e a Cidade** (“folhas” distribuídas em separado)

Um Rebelde com Causas

A exibição deste filme tem um profundo significado simbólico, afectivo e cultural. Com este gesto, a Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, honra uma vez mais a memória de Henrique Alves Costa e homenageia o pioneiro do cineclubismo e do cinema. Ao mesmo tempo, demonstra o seu reconhecimento a uma personalidade marcante da cultura cinematográfica do Porto e do país ao longo do séc. XX . O documentário *Cinéfilo Inconformista/Henrique Alves Costa (1910-1988)* o primeiro a ser produzido em Portugal constitui, apenas, o contributo possível para o estudo/divulgação da sua vasta e profícua obra que, após a sua morte ficou numa espécie de limbo e esquecimento, poucas vezes citada por investigadores e académicos.

E, no entanto, o cinema foi sempre a sua vida e paixão permanente, espírito livre, independente, empenhado em todas as lutas que valiam a pena travar, contra o fascismo, a intolerância, o centralismo e todas as formas de censura. O Henrique nunca fugiu ao debate das ideias e à polémica. A sua vida confunde-se com a História do Cinema, primeiras fitas do mudo, Chaplin, Buster Keaton, Griffith, passando pelo advento do sonoro, estúdios da Invicta Filme, o papel decisivo e fulcral na dinamização do Cineclube do Porto, antes e após o 25 de Abril. Foi a personagem nuclear e central da Semana do Cinema Português, realizada em 1967 e sem ele não existiam filmes fundamentais da nossa cinematografia, como “O Recado”, de José Fonseca e Costa; “O Passado e o Presente”, de Manoel de Oliveira; “Pedro Só”, de Alfredo Tropa; “Perdido por Cem...”, de António Pedro-Vasconcelos.

Foi o grande impulsionador da Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC), uma antiga aspiração do movimento cineclubista e do Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho/Cinanima (uma “ideia maluca” que um grupo de jovens veio apresentar-lhe a sua casa) sem esquecer o seu papel na realização de “O Auto de Floripes” (1963) um documentário

de natureza antropológica levado a efeito na aldeia das Neves, em Viana do Castelo. Irrequieto e sempre de espírito jovial, esteve em todos os movimentos de luta e defesa do cinema português, incentivou o reconhecimento da filmografia de Oliveira, seu amigo e cúmplice, organizou a filмотeca no Museu Nacional Soares dos Reis e promoveu a instalação da Cinemateca do Porto (do qual fez parte da comissão organizadora), talvez, a sua grande utopia, uma vez que o sonho prometido pelos responsáveis da Cultura ficou por cumprir...

O documentário hoje exibido apenas pretende avivar acontecimentos, episódios menos conhecidos do grande público, resgatar o seu nome do esquecimento, o modo como fez pedagogia e nos ensinou a amar o cinema. Henrique Alves Costa relacionou-se com todos os nomes que valia a pena conhecer no seu tempo: Oliveira, Rouch, André Bazin, Jean-Loup Passek, Henri Langlois. O seu legado é enorme e deixou rasto em várias gerações de cinéfilos. O Porto (e o país) têm para com ele uma dívida de gratidão e a melhor forma de perpetuar a sua memória será, não tenho dúvidas, continuar a estudar a sua vasta e fecunda bibliografia (escreveu para jornais e revistas durante 50 anos) promover a organização de seminários e debates e, por fim, organizar a exibição de alguns dos muitos filmes que amou. A lista é longa, mas deixo alguns títulos: “A Paixão de Joana D´Arc” (Dreyer); “A Regra do Jogo” (Renoir); “Lágrimas e Suspiros” (Bergman); “Matou” (Lang); “A Cavalgada Heróica” (Ford). Será, não tenho dúvidas, outra forma de perpetuar o legado de uma das personalidades mais influentes e fascinantes do Cinema ao longo do séc. XX.

Manuel Vitorino